



REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PERFIL EMPREENDEDOR EM ALUNOS DE ENGENHARIA

Daniel Madeira de Almeida – daniel_almeida@id.uff.br

Alex da Cunha Marroig – alexmarroig@id.uff.br

Gabriela Jansen Vieira – gabrielajv@id.uff.br

Luiza Yassuda - luizayassuda@id.uff.br

Camila de Souza Pinto – camilaps@id.uff.br

Lucas Fortes – lucasfortes@id.uff.br

Márcia P. Velloso – marciavelloso@id.uff.br

Fabiana Rodrigues Leta – fabianaleta@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Departamento de Engenharia Mecânica

Rua Passo da Pátria 156

24210-240 – Niterói – Rio de Janeiro

***Resumo:** Os constantes avanços tecnológicos e a velocidade com que a informação é divulgada pelos mecanismos de comunicação em massa vêm tornando o mundo extremamente globalizado. Dentro dessa perspectiva, é nítido o fato de que o mercado de trabalho encontra-se igualmente internacionalizado. Neste contexto, o mercado aspira por empreendedores. Para apoiar as reflexões sobre a formação do perfil empreendedor em alunos de engenharia, foi feito um levantamento bibliográfico analisando a postura que as instituições de ensino superiores brasileiras e estrangeiras, possuem em relação ao incentivo do empreendedorismo durante a formação de um estudante. Como estudo de caso, realizou-se uma avaliação dos cursos de Engenharia da Universidade Federal Fluminense considerando uma abordagem de pesquisa de opinião junto aos alunos de graduação. Em artigo anterior a pesquisa se restringiu à avaliação do curso de Engenharia Mecânica. Neste artigo faz-se uma análise sobre o conjunto dos cursos de Engenharia da UFF, comparando com o perfil previamente analisado do curso de Engenharia Mecânica.*

***Palavras-chave:** Inovação, Empreendedorismo, Perfil empreendedor, Educação empreendedora.*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade é fortemente marcada por mudanças, transformações tecnológicas, inovações e muito risco. Por este motivo, o conceito de empreendedorismo se tornou um assunto muito comum e de importância inquestionável, também por ser considerada uma solução geral para muitos problemas estruturais do desenvolvimento. A intensificação do interesse pelo assunto fez com que

surgisse uma vasta literatura e uma quantidade considerável de estudos relacionando o empreendedorismo com o crescimento econômico. Em economias desenvolvidas, percebe-se que novas empresas são fonte de forte crescimento e geração de empregos (SANTOS & CASEIRO, 2012). Como consequência dessas conclusões, surgem políticas e programas de incentivo, que premiam a iniciativa empresarial, a inovação e a criação de riqueza, centrando o empreendedorismo na promoção da competitividade. Apesar de já existirem incentivos, esses ainda não tem o papel que devem merecer por parte dos poderes públicos.

O Brasil ainda se encontra atrasado em relação a muitos países na questão do desenvolvimento tecnológico. De acordo com a análise da Pesquisa de Inovação Tecnológica de 2008 (IBGE, 2010), feita por pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o investimento em pesquisa e desenvolvimento do Estados Unidos foi 12% maior do que o do Brasil e países que estavam num patamar próximo ao do Brasil em 2005, como Portugal, Espanha e China, tiveram um crescimento muito mais expressivo. Com isto, apesar de o investimento do Brasil em P&D ter aumentado, este ainda se encontra atrasado com relação aos outros países. Analisando o artigo da Thomson Reuters sobre as cem empresas mais inovadoras do mundo (GAZE & RODERICK, 2011), percebe-se que nesta lista não existem empresas brasileiras e que 47 das empresas da lista são americanas. Zouain *et al* (2007) *ressalta que a criação de um ambiente propício aos negócios passa pelo incentivo ao empreendedorismo.*

Nesse contexto, as instituições de ensino são entidades fundamentais, pois nelas, as pessoas adquirem conhecimentos e experiências, que condicionam suas vidas tanto profissionais quanto pessoal (TEIXEIRA, 2012). A capacidade de empreender e de inovar se tornou um desafio que deve ter a devida importância nas universidades. A preocupação com este assunto deve resultar na realização de cursos específicos, concursos e programas com o objetivo de gerar uma perspectiva nova e aprimorar o senso profissional dos alunos, abrindo novos caminhos de afirmação profissional. Ainda analisando a lista das cem empresas mais inovadoras, relaciona-se a grande ocorrência de empresas americanas, com a política de suas universidades, de existirem, em todos os cursos, disciplinas direcionadas ao empreendedorismo.

Este artigo busca analisar o incentivo ao empreendedorismo nas universidades, e em uma análise mais específica, nos cursos de engenharia da Universidade Federal Fluminense. Expandindo a pesquisa iniciada com o artigo publicado no COBENGE 2012, “Analisando o perfil empreendedor de alunos de graduação em engenharia mecânica”.

2. O EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

No Brasil, o empreendedorismo começou a ganhar renome a partir da década de 90, onde, paralelamente com o plano real e a estabilização da moeda, estimulou-se ainda mais a crescente participação de novas empresas na economia.

Vários fatores levaram ao retorno do destaque do papel da pequena empresa. De início, houve a diminuição de um determinado tipo de industrialização de grandes

empreendimentos, que sempre exigiam participação financeira do governo e de instituições internacionais, que acabavam enrijecendo a economia. Por conta das profundas mudanças no mercado de trabalho, surgiram mudanças organizacionais visando recuperar a agilidade no mercado e reduzir custos operacionais. Tornando a pequena empresa uma das principais incentivadoras da atividade empreendedora e da fonte de inovação do mercado.

Assim em 1999, o governo federal criou o programa “Brasil Empreendedor”, estimulando as pequenas e microempresas a gerarem novos empregos, para movimentarem mais a economia, elevando o nível de capacitação empresarial de novos empreendedores (MACULAN, 2005).

A partir do ano 2000, houve um surgimento de novas tecnologias como a internet, o que proporcionou ao empreendedorismo novos horizontes, passando a ser cada vez mais difundido, e tendo mais ferramentas disponíveis. Reflexo disto pode ser observado nos inúmeros e crescentes cursos disponíveis sobre o assunto, fazendo destes novos empreendedores mais capazes e preparados para se arriscar, e inovar diante do mercado de trabalho.

Em 2010, o Brasil alcançou a maior taxa de empreendedorismo entre os países que integram o G20 (CURY, 2011), conhecida como Taxa de Empreendedorismo em Estágio Inicial, que é a proporção de pessoas na faixa etária entre 18 e 64 anos envolvidas em atividades empreendedoras na condição de empreendedores de negócios nascentes ou empreendedores à frente de negócios novos, ou seja, com menos de quarenta e dois meses de existência (SCHERMA, 2012) mensurada pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM/IBPQ, 2010).

Segundo pesquisa realizada pela Endeavor (MELHADO & MILLER, 2012), 60% dos universitários brasileiros pensam em abrir sua própria empresa. Portanto, torna-se necessário que durante o período de formação acadêmica haja um apoio efetivo da instituição para que o estudante desenvolva não apenas competências ligadas a sua área de conhecimento, mas também a sua capacidade de empreender. Dornelas (2008) apresenta fatores importantes a se considerar quando se pretende abrir seu próprio negócio.

Fora do Brasil, um dos países que apresenta maior índice de desenvolvimento na área do empreendedorismo são os Estados Unidos, possuindo cursos de referência no assunto.

A primeira universidade americana a apresentar cursos de formação empreendedora foi Harvard, em sua escola de administração, a partir do ano de 1947. O objetivo desses cursos era qualificar ex-combatentes para o mercado de trabalho, visando à geração do auto-emprego. Porém somente a partir do ano de 1970 é que se iniciou um crescimento na oferta de disciplinas dessa natureza (GUIMARÃES, 2002).

As principais razões para a demora na disseminação de disciplinas relacionadas ao empreendedorismo estavam ligadas a dependência financeira das universidades com as grandes empresas. Essas empresas doam equipamentos e bolsas, financiam pesquisas e patrocinam eventos, e em contrapartida, utilizam as universidades para treinamento e

reciclagem de executivos. Outro motivo era o sistema de promoção de docentes, já que na época, publicações sobre empreendedorismo e gerenciamento de problemas de pequenas empresas tinham menor valor acadêmico que as demais (GUIMARÃES, 2002).

Atualmente o ensino do empreendedorismo pode ocorrer de diferentes formas. Entre as metodologias adotadas pelas universidades americanas destacam-se os estudos de casos, a leitura de textos que abordam o assunto e relatos de experiências empreendedoras. Além disso, busca-se ensinar os alunos a elaborar e avaliar as principais características de um plano de negócios e propiciar a compreensão das estratégias para expandir empresas e avaliar as consequências financeiras dessa.

A metodologia adotada nesta instituição de ensino propõe aos alunos que desenvolvam projetos em equipe realizem apresentações em sala de aula, participem de palestras com gerentes e executivos e visitem empresas para observar os processos de trabalho.

No Brasil, a oferta de disciplinas como “Introdução ao Empreendedorismo”, já presentes no currículo de várias carreiras, foi uma boa iniciativa adotada pelas universidades, surgindo no intuito de inicializar os alunos no tema e oferecê-los uma diretriz do que é empreender. No entanto, como qualquer idéia com potencial, esta precisa ser desenvolvida e aprofundada para que, trabalhando em paralelo com outras iniciativas, ajude a construir uma educação de nível superior no Brasil que não apenas forme empregados, mas profissionais de excelência capacitados a desempenhar suas respectivas funções em qualquer lugar do mundo, particularmente empreendendo seus próprios negócios.

3. INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE ENGENHARIA DA UFF

Os currículos dos cursos de Engenharia da Universidade Federal Fluminense não apresentam disciplinas obrigatórias que tratem efetivamente de Inovação e Empreendedorismo. Este aspecto demonstra o pouco estímulo para a formação empreendedora por parte da Universidade, que deveria expandir as possibilidades para os alunos atuarem profissionalmente, não apenas como futuros empregados.

No entanto, existem disciplinas que podem ser úteis aos alunos se os mesmos desejarem abrir seu próprio negócio, visto que os cursos de Engenharia da UFF visam à formação de engenheiros que possam desempenhar funções de liderança dentro das empresas. Disciplinas como Fundamentos da Engenharia Econômica, obrigatória para os cursos de Engenharia Mecânica e Elétrica, têm em sua ementa conteúdos de matemática financeira e contabilidade, assuntos importantes para o gerenciamento de uma empresa.

No currículo da Engenharia de Produção, há um número maior de assuntos ligados ao empreendedorismo e inovação, que são abordados em disciplinas como Economia da Tecnologia, Economia do Trabalho, Economia Industrial, Gerenciamento de

Empreendimentos I, Gestão Estratégica de Empresa e Planejamento Estratégico Industrial. Por se tratar da Engenharia mais focada no gerenciamento, é coerente que seja a que mais apresente disciplinas ligadas ao tema. Porém, ainda assim é possível observar que o incentivo a projetos inovadores é baixo.

Outro curso de Engenharia que apresenta um número superior de matérias que abordam o empreendedorismo - se comparado ao dos demais cursos - é o de Engenharia Civil. Constam na grade curricular dessa carreira as seguintes disciplinas: Gerência de Empreendimentos I, Gerenciamento da Qualidade Total, Gestão de Processos Administrativos e Gerenciais, Gestão Estratégica de Empresa e Gestão Informatizada de Empreendimentos. Tais disciplinas podem estimular os alunos a desenvolver capacidades criativas e empreendedoras, mas não têm como objetivo formar engenheiros que abram sua própria empresa. Era esperada a formação diferenciada deste curso, no que tange ao empreendedorismo, em função do exercício profissional da categoria, que envolve em muitos casos a elaboração de projetos e a emissão de laudos individualmente ou em equipe. Para atender a estas demandas de serviços tecnológicos, muitos Engenheiros Civis optam por criarem empresas de projetos.

Estas observações baseadas no currículo dos cursos de Engenharia da UFF permitem, em princípio e salvo exceções, uma interpretação de que os alunos são pouco incentivados a se tornarem empreendedores e pessoas inovadoras, se dependerem exclusivamente das disciplinas formais oferecidas em seus cursos.

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para avaliar o incentivo ao empreendedorismo nos cursos de Engenharia na Universidade Federal Fluminense considerou a pesquisa realizada anteriormente com alunos do curso de Engenharia Mecânica (ALMEIDA *et al*, 2012). O objetivo foi avaliar a perspectiva de atuação futura destes alunos em diferentes fases de sua vida profissional (curto, médio e longo prazo). Foram aplicados questionários com as seguintes perguntas:

1. Você sabe o que é empreendedorismo?
2. Você acha que ser inovador é importante para sua formação e seu futuro?
3. Você se considera uma pessoa inovadora?(criativa)
4. O que você pretende fazer quando terminar a faculdade (curto prazo)?
5. O que você pretende fazer 5 anos após terminar a faculdade (médio prazo)?
6. O que você pretende fazer 10 anos após terminar a faculdade (longo prazo)?
7. Você acha que a universidade incentiva os alunos a serem empreendedores?
8. Se sim, qual a principal maneira?
9. Você está estagiando em alguma empresa?

Dentro de um universo de aproximadamente 4000 estudantes matriculados em cursos de Engenharia na Universidade Federal Fluminense, trabalhou-se com um espaço amostral de 352 respondentes. Dentro destes 352 alunos participantes, têm-se: 161 de Engenharia Mecânica, 36 de Engenharia de Telecomunicações, 24 de Engenharia Civil,

26 de Engenharia Elétrica, 10 de Engenharia Agrícola e Ambiental, 37 de Engenharia de Produção, 41 de Engenharia de Recursos Hídricos e Meio-Ambiente, 9 de Engenharia Química e 8 de Engenharia de Petróleo. A média de idade dos entrevistados é de 20 anos, sendo a maioria deles do sexo masculino (73%). E a média do período dos alunos é o 5º período, o que representa metade do curso para as Engenharias, abrangendo alunos de todos os períodos do curso.

Cento e dez repostas não possuíam a pergunta 9, que não haviam sido consideradas na pesquisa anterior, direcionada aos alunos do curso de Engenharia Mecânica, cujos resultados foram apresentados em (ALMEIDA *et al*, 2012).

Os resultados da pesquisa são apresentados a seguir nas figuras 1 a 5.

5. RESULTADOS

Apesar da falta de disciplinas sobre o tema no currículo dos cursos de Engenharia, os resultados da pesquisa apontaram que a grande maioria dos alunos (89%) disse saber o que é empreendedorismo. Uma possível razão para este índice elevado é o fato de que tal assunto se encontra em evidência atualmente. Também por este motivo, a grande maioria reconheceu a importância de inovar para se obter sucesso no futuro: mais de 40% dos estudantes classificou a inovação como muito importante. Essas respostas mostram que os alunos estão atentos às tendências do mercado de trabalho.

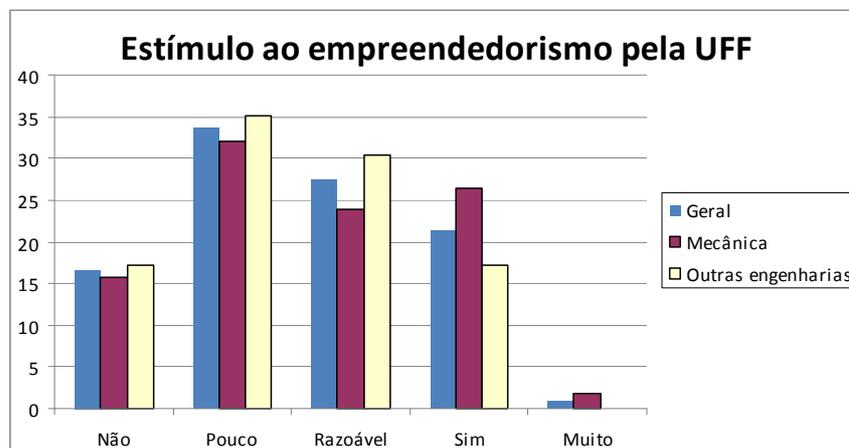


Figura 1 – Estímulo ao empreendedorismo pela UFF.

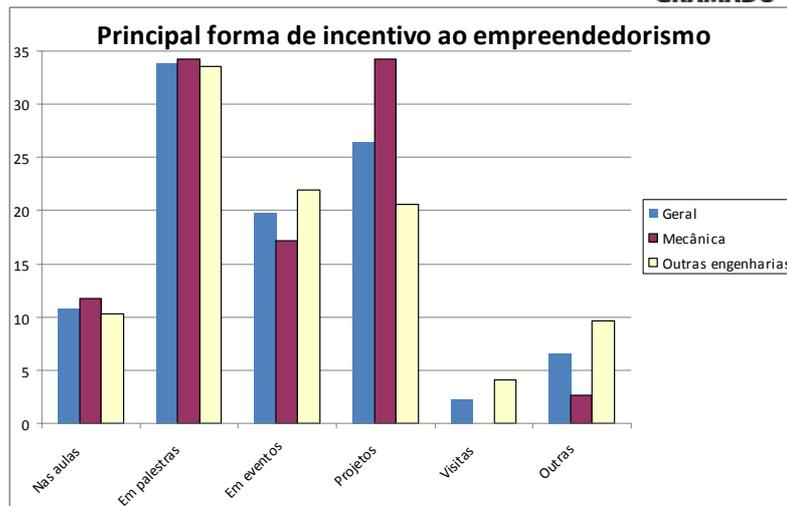


Figura 2 – Principal forma de incentivo ao empreendedorismo.

Em relação ao incentivo ao empreendedorismo, questão apresentada como a pergunta 7 do questionário, cujas respostas dos alunos podem ser vistas na figura 1, mais de 50 % dos alunos se sente pouco ou nada incentivado. Conforme apresentado na figura 2, que representa as respostas à pergunta 8, os alunos consideram que as principais maneiras que a universidade incentiva os estudantes são através de palestras, eventos e projetos. Essas palestras ocorrem todo ano, em eventos como a Semana de Engenharia e, como ditos anteriormente, sendo uma importante ferramenta para desenvolver o empreendedorismo na universidade, mas não podem ser únicas formas de incentivar os alunos. Os estudantes de Engenharia Mecânica colocaram como posição de igual destaque os projetos desenvolvidos na universidade. Enquanto os outros cursos consideraram tais projetos como a terceira forma mais importante de incentivo ao empreendedorismo. Os principais projetos conhecidos na Engenharia são o Baja, o Fórmula SAE, o *Aerodesign*, o barco-solar, a empresa júnior e os programas de educação tutorial. Os alunos de Engenharia Mecânica consistem na maioria de participantes em ao menos três desses projetos: Baja, Fórmula SAE e *Aerodesign*, isso pode contribuir para que os mesmos creditem maior importância a tais projetos na formação empreendedora.

A partir da análise dos dados apresentados nas Figuras 1 a 5, percebe-se que os alunos dos cursos de Engenharia da UFF comprovam a já discutida tendência mundial de formação empreendedora. Embora esta formação não se dê explicitamente através de atividades curriculares na maioria dos cursos de Engenharia da universidade.

Ainda diante dos resultados obtidos, analisando mais especificamente as figuras 3,4 e 5, que apresentam as respostas das perguntas 4, 5 e 6 respectivamente, inicialmente, pode-se observar que os universitários recém-formados buscam ampliar o nível da sua formação em cursos de pós-graduação. Depois dessa etapa concluída, a pesquisa aponta a inclinação dos ingressantes no mercado de trabalho em adquirir experiência, ou seja, vivenciar o cotidiano da vida profissional - compensando a falta de incentivos diretos durante a formação acadêmica - para só então, de fato, abrir seu próprio negócio.



Figura 3 – Expectativas a curto prazo.

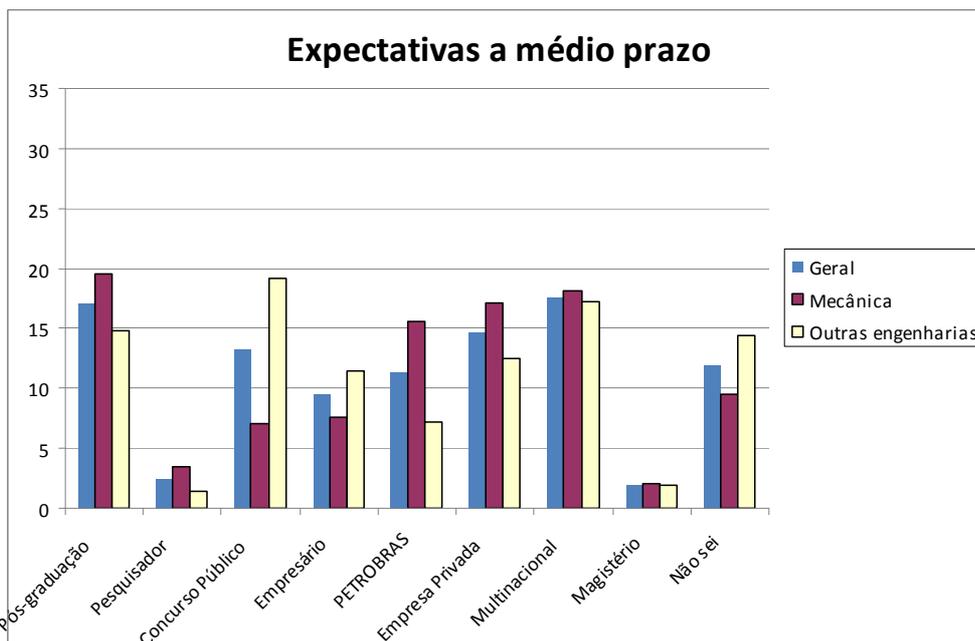


Figura 4 – Expectativas a médio prazo.

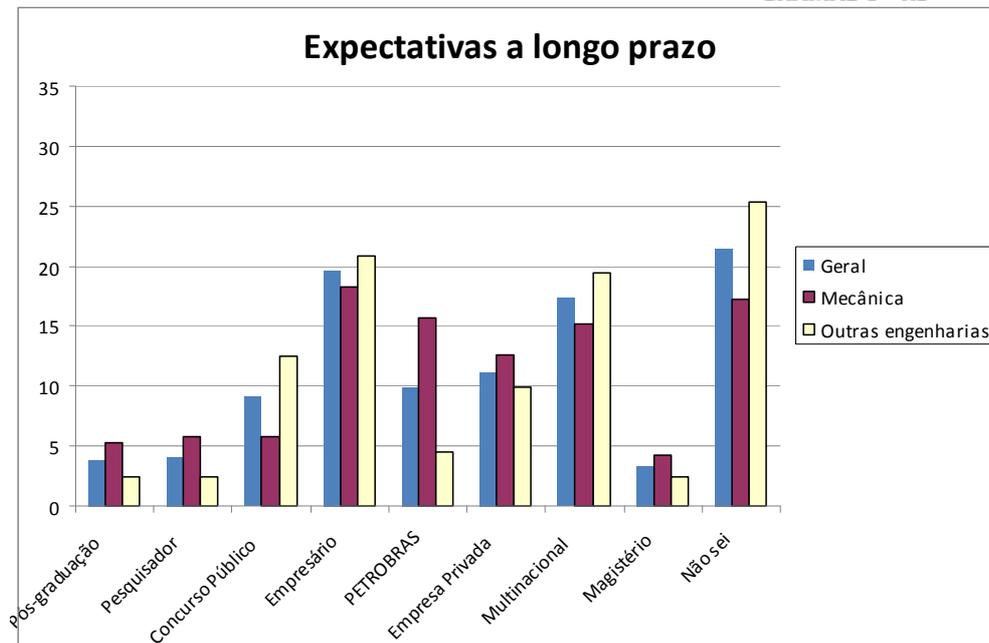


Figura 5 – Expectativas em longo prazo.

Enquanto no curso de Engenharia Mecânica a Petrobras se apresentou entre as principais opções dos alunos nos três períodos de tempo considerados, nas outras engenharias se apresenta como a sexta ou sétima opção. Alunos dos cursos de engenharia de telecomunicações e elétrica, não consideraram a Petrobras como uma das suas principais escolhas, sendo selecionada como opção em longo prazo por apenas 3% dos alunos de elétrica e nenhum de telecomunicações. Uma possível explicação para esse fato, é que os alunos podem acreditar não haver grande utilização de engenheiros formados nessas áreas por parte da empresa, isto pode se dever ao fato de que grande parte dos engenheiros contratados pela Petrobras ser da área de Mecânica, Petróleo e Química. O resultado provavelmente seria diferente se o espaço amostral dos cursos de Engenharia de Petróleo e Engenharia Química fosse ampliado.

Como comentado, a quantidade de alunos que desejam se tornar empresários aumenta conforme se considera projetos a longo prazo. Nesse contexto, o curso que apresentou menor índice nessa resposta foi o de Engenharia de Recursos Hídricos com 13%. Em seguida aparecem os cursos de Engenharia Civil com 16%, Engenharia Mecânica com 18% e Engenharia de Produção com 22%. Com índices ainda maiores estão as engenharias de Telecomunicações e Elétrica, praticamente empatadas com aproximadamente 29% dos alunos desejando se tornar empresários no futuro. Esperava-se que o curso de Engenharia de produção apresentasse o maior número de alunos que querem se tornar empresários devido à maior quantidade de disciplinas relacionadas a administração de empresas. Esperava-se também que os alunos de Engenharia Civil tivessem este desejo em função da formação direcionada que dispõem, mas acredita-se que ainda falta um melhor esclarecimento sobre o trabalho do empreendedor individual e do empresário. Estes alunos, provavelmente, se veem como empreendedores individuais, complementando alguma atuação como empregados de empresas.

6. CONCLUSÕES

Existem fortes indicações de que o mercado de trabalho atual está extremamente aquecido com as constantes mudanças da economia mundial. A era digital definiu um modelo onde os produtos estão sempre recebendo atualizações, tornando-se mais sofisticados e aglomerando mais funções. Nesse sentido, a inovação encontra um ambiente propício pra se difundir e, de maneira geral, o estudante universitário parece ter percebido essa tendência.

De acordo com a pesquisa realizada com os alunos de Engenharia na Universidade Federal Fluminense (UFF), o desejo de abrir o próprio negócio deixou de ser apenas o objetivo isolado de alguns estudantes. Muitos têm como objetivo se tornar empresários e, por isso, o empreendedorismo já é um tema relativamente abordado pelas instituições, que buscam incentivar seus alunos.

A pesquisa desenvolvida também indica que, apesar do estímulo que a questão vem recebendo, ainda há um longo caminho a ser percorrido - principalmente quando se comparam as universidades nacionais com as estrangeiras - até que se possa dizer que há um apoio realmente efetivo e formador de empreendedores de excelência durante o período de formação acadêmica. Uma possibilidade de extensão da pesquisa seria avaliar novas metodologias que poderiam ser implantados nas universidades para formar empreendedores.

Como continuidade desta pesquisa, será necessário aumentar o número de questionários respondidos, visto que o espaço amostral atual é de menos de 10% do universo considerado. Cabe ainda expandir a análise entre cursos de graduação de Engenharia, verificando as diferenças na formação dos alunos de acordo com a área de atuação e o currículo acadêmico.

7. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio do MEC-SESu, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Pró-Reitorias de Graduação e de Assuntos Estudantis e Escola de Engenharia da UFF.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniel Madeira; MARROIG, Alex; VIEIRA, Gabriela Jansen; VELLOSO, Márcia P.; LETA, Fabiana R., Analisando o perfil empreendedor em alunos de graduação em engenharia mecânica. In: XL Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia, Belém, 2012.

CURY, Anay. Taxa de empreendedorismo. 26/04/2011 13h44 Disponível em <<http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2011/04/taxa-de-empreendedorismo-do-brasil-e-maior-do-g20-diz-sebrae.html>> Acesso em: 29 maio 2013.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Empreendedorismo em números. Disponível em:
<<http://www.brasil.gov.br/empreendedor/empreendedorismo-hoje>> Acesso em: 29 maio 2013.

GAZE, Laura. RODERICK, John. Thomson Reuters TOP 100 Global Innovators, 2011.

GEM/IBPQ. Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo, Brasil, 2010.

GUIMARÃES, Liliane de Oliveira. A experiência norte-americana na formação de empreendedores - contribuições das universidades de Saint Louis, Indiana e Babson College. 313 p.; São Paulo: EAESP/FGV, Tese de Doutorado, 2002.

IBGE; Pesquisa de Inovação Tecnológica, 2008; 164 p., Rio de Janeiro, 2010.

MACULAN, Anne Marie. Analisando o empreendedorismo. In: IV Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE. Curitiba, PUC-PR, 2005.

MELHADO, João Pedro; MILLER, Amisha. Empreendedorismo nas universidades brasileiras 2012. ENDEAVOR Brasil, 2012.

SANTOS, Domingos; CASEIRO, Nuno. Empreendedorismo em instituições de ensino superior: Um estudo de caso. 14º Workshop APDR: Empreendedorismo e desenvolvimento regional, 2012.

SCHERMA, Márcio Augusto. Empreendedorismo e crescimento econômico. 2012. Disponível em:

<[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/af1e84098aca6c8403256d180056ec86/cee29d3a9df7f23c83257951004053a4/\\$FILE/NT00046716.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/af1e84098aca6c8403256d180056ec86/cee29d3a9df7f23c83257951004053a4/$FILE/NT00046716.pdf)> Acesso em: 29 maio 2013.

TEIXEIRA, Cláudia Manuela Mendes. Educação para o empreendedorismo: Um estudo sobre o projeto nacional de educação para o empreendedorismo. Coimbra: Universidade de Coimbra, Tese de Mestrado em intervenção social, 2012.

ZOUAIN. Deborah Moraes; OLIVEIRA, Fatima Bayma; BARONE, Francisco Marcelo. Construindo o perfil do jovem empreendedor brasileiro: relevância para a formulação e implementação de políticas de estímulo ao empreendedorismo, Revista de administração pública vol. 41. Rio de Janeiro, jul. 2007.



REFLEXIONS ABOUT THE ENTREPRENEURIAL PROFILE FORMATION OF ENGINEERING STUDENTES

Abstract: *The constant technological advances and the rate that the information is propagated by the mass communication mechanisms have made the world extremely globalized. Through this perspective, it's easy to see that the job market has also become more international. The market needs entrepreneurs. To support the reflections made about the formation of entrepreneurs' engineers, it was made a literature review to analyze the position of universities in Brazil and abroad, regarding the incentive to the entrepreneurship to their students. As a case study, it was made a survey with engineering students of Universidade Federal Fluminense (UFF). On a previous paper, the survey was restricted to mechanical engineering students, in this work, we present an analysis of all engineering courses in UFF, making a comparison between this new survey and the previous one with mechanical engineering students only.*

Key-words: *Entrepreneurship, innovation, entrepreneurial profile, entrepreneurial education*